

Caros, a respeito do relatório, cabe destacar os seguintes pontos:

Sobre o relatório “Mapping Climate Disinformation in French and Brazilian Mainstream Media” e os casos destacados pela reportagem, cabe enfatizar que a maior parte dos trechos identificados como desinformação é somente a opinião de um convidado, sem o caráter informativo, prova disso é que os trechos foram extraídos de momentos da programação em que o espaço está aberto para o debate — fora do contexto do noticiário.

O caso citado no qual o comentarista fala sobre “piquenique de bilionários” é uma hipérbole, um exagero retórico para dar ênfase à ideia que ele apresentava de que o encontro não teria resultados objetivos. Não cabe o entendimento de que se trata de desinformação, uma vez que no contexto do noticiário — que não era o caso do debate em questão —, estamos detalhando o contexto do evento e noticiando as informações mais importantes.

No segundo trecho destacado pela reportagem, a desinformação identificada pelo estudo está numa fala de um entrevistado, o vice-governador de Minas Gerais. Este é um caso em que não há possibilidade de o entrevistador rebater todos os pontos apresentados pelo convidado, fazendo uma checagem em tempo real. Este tópico já foi objetivo inclusive de debate no Supremo Tribunal Federal que [definiu que o veículo não pode ser responsabilizado por declarações feitas pelo entrevistado](#). Uma entrevista exibida na íntegra, sem cortes, cujos temas foram abrangentes e tinha como ponto focal as ideias e manifestações de vice-governador se enquadra nesse contexto.

Além desses dois pontos, cabe destacar que o relatório inclui a Jovem Pan em um grupo de emissoras de TV Aberta. No período da análise nosso sinal não estava sendo distribuído por meio de canal aberto de TV. Também vale ressaltar a desproporção entre os períodos analisados entre os canais e o volume de horas/dia de produtos jornalísticos em cada uma das emissoras citadas. O que evidencia a distorção de resultados e o viés quase que de perseguição contra a Jovem Pan.

Não bastasse isso, ao analisar os 17 trechos classificados pelo relatório como desinformação, notamos que dois deles são falas do pronunciamento do presidente da república na ONU, que foi transmitido praticamente por todos os canais de notícias ao vivo. O que é assustador nesse caso não é a transmissão do discurso, um dever jornalístico, mas o fato de que o presidente, na tribuna da ONU, disseminou informação falsa.

Restam, portanto, 15 trechos classificados como desinformação. Uma parte deles oriunda de falas de entrevistados, o que se enquadra no mesmo caso da entrevista com o vice-governador mineiro. A outra parte composta por trechos de debates em que não há a precisão de um texto lido justamente porque as ideias são expressas a partir das conversas incitadas durante o debate.

O relatório imprime um viés ao ignorar o contexto de algumas falas e aplicar correção divergente daquilo que está sendo discutido, como é o caso dos trechos sobre tarifa de

energia e pecuária brasileira. Há outros trechos em que a alegada desinformação ocorre porque, no improviso, uma palavra foi suprimida da fala feita de improviso.

Nossa posição é de descrença com a seriedade do relatório e de repúdio pela forma rasteira como tenta arranhar a imagem da Jovem Pan sob o argumento de que 70% da desinformação climática no Brasil é promovida pela emissora, com base numa amostragem de 24 casos coletados ao longo de mais da metade de um ano.

É leviano levar o público a esse entendimento.

É desrespeitoso com uma equipe de jornalistas sérios que se dedicam a apurar, checar e contar histórias narrando os principais acontecimentos do Brasil e do mundo numa programação que tem mais de 15 horas diárias ao vivo de jornalismo e 24 horas de jornalismo — mais do que o dobro do volume de horas/dia da maior parte dos veículos monitorados.

Não temos compromisso com o erro e nos casos em que identificamos falhas somos os primeiros a promover a correção e levar a informação correta até a nossa audiência. Acreditamos na seriedade de nossos jornalistas e nos processos que vem sendo desenvolvidos ao longo do tempo para melhorar a qualidade de nossas entregas.

É risível que em 2025 ainda exista confusão entre o que é informação e o que é opinião. Triste também é utilizar de uma amostragem tão pequena e repleta de vieses para desacreditar um veículo de imprensa que tem mais de oito décadas de serviços prestados à comunicação e ao Brasil.